

## JRS e o microcrédito *JRS and microcredit*

Susana Figueirinha\*

**Resumo** É das coisas simples que grandes ideias surgem. Esse foi o grande sucesso do Professor Muhammad Yunus, que, numa época em que graves problemas sociais e económicos assolavam o seu país, Bangladesh, com a ideia de dar pouco em troca de muito possibilitou que o índice de pobreza baixasse os seus níveis.

Numa época social e económica delicada, o Microcrédito pode ser uma oportunidade para que as pessoas vivam decentemente do seu trabalho e que sejam justamente recompensadas pelo mesmo. O Microcrédito representa uma oportunidade de integração, de promover a auto-suficiência e representa ainda uma grande responsabilidade social. Partindo exactamente desta ideia o JRS em Portugal promove, desde 2005, um serviço de incentivo ao empreendedorismo de imigrantes baseado no microcrédito.

**Palavras-chave** microcrédito, exclusão, auto-suficiência, empreendedorismo, integração.

**Abstract** It is from simple things that great ideas are born. This was the great success of Professor Muhammad Yunus, who, in an era during which serious social and economic problems afflicted his country, Bangladesh, the idea of giving a little in exchange for a lot made it possible for poverty rates to decrease.

During a difficult social and economic time, microcredit can be an opportunity for people to make a decent living from their work and to be fairly remunerated for it. Microcredit represents an opportunity for integration, for the promotion of self-sufficiency and, furthermore, a great social responsibility. Following from precisely this idea, JRS in Portugal has been promoting a service to incentivise immigrant entrepreneurship based on microcredit since 2005.

**Keywords** microcredit, exclusion, self-sufficiency, entrepreneurship, integration.

\*Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) / Jesuit Refugee Service (JRS).

## ■ JRS e o microcrédito

Susana Figueirinha

*“Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena”*  
Fernando Pessoa

O bengalês Muhammad Yunus, conhecido como o “banqueiro dos pobres”, e o seu Grameen Bank receberam em 2006 o Prémio Nobel da Paz, pela sua luta por uma economia mais justa para as pessoas de baixo rendimento.

A “história” do Microcrédito é bastante simples... quando, em 1974, um jovem professor de economia num país em que os índices de pobreza chegavam ao seu limite, como era o Bangladesh, decide olhar para a sua sociedade de coração aberto e vê como cenário a fome e a pobreza opressiva, a decadência humana, decide, então, fazer algo de efeito imediato. Após um pequeno levantamento da situação social do país, e das condições precárias de exploração em que inúmeras pessoas viviam, o resultado a que chegou foi que bastavam 27 dólares para que obtivessem a liberdade dos seus exploradores. Assim iniciou-se a aventura de Yunus e do Microcrédito

Facto curioso, ou talvez não, é o de a maioria dos clientes serem mulheres, pois são elas que mais benefícios trazem para casa.

A ideia, de tão simples, quase choca: para ajudar aqueles que não conseguem chegar ao crédito bancário normal criou o microcrédito.

O objectivo essencial da criação do microcrédito é contribuir de forma positiva para o combate à exclusão económica e social, apoiando a criação do auto-emprego e de pequenos negócios, o que nos leva a falar, inevitavelmente, da concretização de sonhos. Os que querem prosperar, os que querem promover a sua auto-suficiência numa época em que o desemprego prolifera e, assim, poder sentir-se integrados na sociedade em que vivem, e para a qual estão a contribuir com o seu trabalho. Esta é a raiz de qualquer procura de microcrédito.

Sucintamente, o microcrédito define-se pela concessão de crédito a pessoas que não têm acesso à banca tradicional, concedido sem garantias reais e de uma forma sustentável. São sempre quantias reduzidas, que se destinam ao desenvolvimento de uma actividade económica, com o objectivo último de aumentar o rendimento de quem as recebe. Trata-se de apoiar pessoas que, em circunstâncias normais de mercado, não têm acesso ao crédito e que, por várias razões, estão à parte do circuito económico.

Esta concessão do microcrédito permite em última instância atenuar os índices de pobreza que grassam por todo o Mundo, mesmo nos países ditos mais ricos. A verdade é que nalguns países essa pobreza é notória e conhecida de todos, nos ditos países em vias de desenvolvimento. Noutros, ditos mais desenvolvidos, está escondida e é motivo de vergonha para quem a sente na pele. Ou seja, há uma omissão desta situação e desta condição de vida.

Na última conferência em que Yunus esteve presente em Portugal deu exemplos de como grandes alterações a nível global podem, realmente, afectar os mais pobres. Numa época em que a informação e a comunicação tecnológica são dimensões fundamentais da vida comum de todos nós, acabando com as fronteiras e as distâncias, Yunus e o seu Banco financiaram a criação de uma nova empresa que, ainda que inicialmente modesta, em pouco tempo se tornou numa empresa social que gera riqueza própria, e assim nasceu a *Grameen Telecom*. Um grupo de mulheres, que ficaram conhecidas por "*senhoras dos telefones*", começou por vender telemóveis na sua aldeia a outros membros da comunidade. Rapidamente o volume de vendas superou as expectativas e atingiu valores consideráveis. Este foi apenas um pequeno exemplo prático de como quando se acredita numa ideia, e a colocamos em realidade, esta pode assumir proporções realmente inesperadas e surpreendentes.

Em Portugal, o microcrédito começou há alguns anos a dar os primeiros passos. Iniciou-se em 1999 através da Associação Nacional do Direito ao Crédito (ANDC) e começaram logo a surgir os primeiros frutos. Vão aparecendo pessoas e micro-empresas com iniciativas empresariais viáveis, que de outra forma não teriam acesso a crédito. Obviamente que isto permite também a criação de postos de trabalho; promove o espírito empresarial – o empreendedorismo – como alternativa a quem se encontra desempregado e, no exercício dos seus direitos de cidadão, pretende voltar a participar de forma digna na sociedade.

Segundo o estudo sobre *Avaliação do Sistema do Microcrédito em Portugal*, apresentado a 9 de Março de 2007, e que incidiu essencialmente sobre o trabalho da ANDC, a taxa de sucesso do microcrédito ronda os 91%, sendo que 52,8%, são mulheres cujas idades rondam os 26 e os 45 anos. Estes são dados que nos deixam pensar sobre a essência do microcrédito. Trabalha-se para uma sociedade inclusiva dando oportunidades iguais a todos, que, de acordo com as suas próprias capacidades, contribuem para a criação global de riqueza.

O problema da exclusão e da pobreza atinge as dimensões económicas, sociais e culturais da nossa sociedade. O grande desafio que surge aos olhos de todos nós, sem excepção, é a criação de mecanismos que impeçam a exclusão, e o microcrédito pode ser uma excelente ferramenta para combater este aspecto. De facto, há provas irrefutáveis e suficientemente claras do seu sucesso nas diversas dimensões anteriormente referidas.

Foi nesse sentido que o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS), numa época social e económica delicada, e sendo o Microcrédito uma oportunidade para que as pessoas vivam decentemente do seu trabalho e que sejam justamente recompensadas pelo mesmo, se juntou a esta causa que é de todos nós, a luta contra a pobreza e a exclusão social. Esse foi o nosso principal objectivo e pressuposto.

A história do JRS baseia-se na persistência de um homem que, contra tudo e a favor dos mais pobres, iniciou também ele uma aventura que perdura até hoje.

Ao ter conhecimento, nessa época, da situação dos refugiados vietnamitas, mais conhecidos por *boatpeople* (pessoas vivendo em barcos), o Padre Pedro Arrupe decidiu que era urgente a Companhia de Jesus iniciar um trabalho com esta população, a qual, para além dos graves problemas a enfrentar para sobreviver, era ainda esquecida pelos meios de comunicação.

Para o efeito, o Superior Geral enviou cartas a todos os Superiores Provinciais dos Jesuítas em todo o mundo, pedindo a colaboração para o trabalho com os refugiados. Recebeu numerosas respostas muito encorajadoras, no sentido de se começar a delinear o Serviço Jesuíta aos Refugiados, a par de outras que punham algumas reservas ao projecto. Mas aos poucos o Serviço foi crescendo e espalhando-se pelo mundo, tentando dar resposta ao aumento, cada vez maior, do número de refugiados e de deslocados à força.

Inicialmente, era um Serviço exclusivamente realizado pelos jesuítas, mas, mais tarde, veio a ser aberto a outros religiosos e a todos os leigos que quisessem trabalhar neste campo.

Ao longo destes anos, os JRS espalhados pelo mundo, em especial em países onde a sua presença tem justificado a criação de JRS nacionais, têm tomado contacto com as diversas e diferentes realidades neles vividas, apercebendo-se, desse modo, dos numerosos problemas existentes, tentando, de acordo com as possibilidades, encontrar as soluções possíveis para cada caso.

As histórias de vida de Yunus e de Arrupe são bastante semelhantes, na medida em que ambos se depararam, em épocas diferentes, com situações extremas de pobreza e de exclusão social, e a partir delas construíram algo que beneficiou os mais pobres dos pobres.

É nessa lógica que a missão do JRS em Portugal se adequa tão bem à filosofia de Yunus. Estar onde mais ninguém está e apoiar quem mais necessita de ser apoiado.

Assim, em 2005, e tendo como parceiros a Caixa Geral de Depósitos e a Asso-

ciação Nacional do Direito ao Crédito, o JRS começou a ter alguma intervenção nesta matéria, ainda que parca. Utilizamos a parceria com estas duas entidades e encaminhamos as pessoas que nos procuram de modo a promover o diálogo e a aproximação entre a entidade bancária e a população imigrante desfavorecida, que necessita desse empréstimo para realizar o seu sonho.

Essencialmente, aquilo que o JRS faz é um acompanhamento em todo o processo de criação e expansão de micro-empresas, desde a fase inicial da recolha de informação e da documentação necessária para iniciar o processo, prospecção de mercado, avaliação da sustentabilidade do projecto e esclarecimento de dúvidas.

Durante o nosso percurso, como entidade que apoia os candidatos a microcrédito, sentimos como principais dificuldades a necessidade destes apresentarem garantias à banca e algumas dificuldades no que diz respeito à “montagem” do projecto de negócio. No entanto, ambos os nossos parceiros sempre se mostraram disponíveis para ajudarem na preparação e no esclarecimento de eventuais dúvidas que surgissem aos candidatos.

Desde o início desta parceria foram muitos os requerentes deste serviço que tentámos, e que por diversas vezes conseguimos, encaminhar para o sucesso do seu projecto de vida. Com efeito, a realização de um projecto de vida das pessoas que nos procuram é a essência do nosso trabalho enquanto entidade que serve, defende e acompanha os imigrantes e deslocados à força no nosso país.

Apostar no indivíduo, acreditar nos seus sonhos, dar oportunidade para este se tornar num ser autónomo e produtivo para a sociedade pode e deve ser o grande objectivo destas iniciativas. Envolver as várias dimensões da sociedade em projectos de auto-emprego e de empreendedorismo pode ser uma arma de combate à exclusão de quem mais rejeitado se sente.

Acima de tudo o Microcrédito representa uma oportunidade de integração, de promoção da auto-suficiência, mas chama também a atenção para a responsabilidade que todos sentimos neste combate contra a pobreza e a exclusão dos mais pobres da nossa sociedade.

É fundamental valorizar a dinâmica do Microcrédito como fonte para superar crises económicas e sociais de pequenos grupos que, sendo inicialmente considerados de risco, acabam por se tornar microempresários de credibilidade alta.

De facto, como o poeta afirmou, se *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*.